DEPOIMENTO

Fany Davidovich

em memória de sua irmã, Bertha Becker



Depoimento da geógrafa Fany Davidovich na ocasião do recebimento do Prêmio Manuel Correia de Andrade de Geógrafo Destaque promovido pela ANPEGE, em memória de sua irmã Bertha Koiffmann Becker, durante o X ENANPEGE, na noite de 08 de outubro de 2013, no Auditório 3 do Centro de Convenções da Universidade Estadual de Campinas.[1]

Primeiro, boa noite. Eu quero felicitar a ANPEGE por essa homenagem a uma geógrafa da categoria de Bertha Becker e dizer que eu estou muito sensibilizada de estar aqui representando uma pessoa tão especial e tão... não sei se vou poder falar [emocionada]... tão querida. Homenagens e honrarias parecem que foram, têm sido e continuam a ser uma constante na trajetória acadêmica de Bertha Becker. Ainda no primeiro semestre deste ano, ela foi homenageada com um grande simpósio

1 N. do E.: Transcrição feita por Gustavo Teramatsu e autorizada por Fany Davidovich, sem revisão do material.

sobre o trabalho dela na Amazônia com reuniões realizadas no Rio de Janeiro e em Brasília, onde ela só pôde comparecer, só deu presença, por videoconferência[2].

Ainda no primeiro semestre deste ano, ela publicou o seu último livro, que recebeu o título poético de "A urbe amazônida: a floresta e a cidade". E as homenagens continuam. Há pouco, na SBPC; eu soube também no CNPq; hoje, aqui na ANPEGE; a Academia Brasileira de Ciências, da qual ela era membro, está programando um simpósio para o próximo ano. Tudo isso em homenagem, em reconhecimento e em reverência ao trabalho de Bertha Becker. Um trabalho movido à paixão. Paixão pela geografia, em particular, pela geografia política. Paixão pela Amazônia.

A minha ideia é tocar de maneira muito sucinta em outro ponto do pensamento geográfico da Bertha Becker, um pensamento que foi fortemente influenciado pelos estudos e pesquisas que ela fez na Amazônia por mais de quatro décadas, região que passou a ser tema prioritário no seu trabalho acadêmico. Uma Amazônia que, na percepção de Bertha Becker, é um componente de poder de enorme importância econômica e geopolítica para o Brasil como Estado-nação. Um poder que deriva da sua riqueza, que é uma riqueza localizada, ao contrário da riqueza que circula, como é a que domina no mundo globalizado. Um poder que deriva também de uma posição geográfica vantajosa em relação às oportunidades, como a integração sul-americana pode oferecer, se ela for efetiva – e também como posição estratégica, não só em relação aos Estados Unidos e à Europa, como em relação à Ásia, e principalmente em relação à China.

Nas últimas décadas, a intensificação da ação humana na região resultou em grande diversificação de atores e de ocupação do espaço regional. Bertha reclamava o olhar novo sobre a Amazônia e a necessidade de uma estratégia de desenvolvimento que desse conta das especificidades da região e também do novo modo produzir e de uso do território, uma estratégia de desenvolvimento

2 N. do E.: O Simpósio "Relações entre Ciência e Políticas Públicas: propostas de Bertha Becker para o desenvolvimento da Amazônia", realizado em 2013, teve três edições: em 16 de janeiro, na sede do BNDES, no Rio de Janeiro; em 7 de março, no CGEE, em Brasília; e em 5 de setembro, com o tema Ciência para o desenvolvimento sustentável da Amazônia: a revolução beckeriana, no Museu Goeldi, em Belém (PA).

fundamentada na associação da ciência com a política. A utilização da ciência – aí compreendidos não só o avanço tecnológico, como também a incorporação e a atualização do saber milenário das populações – devia dar um novo significado à natureza como capital de realização no presente e no futuro, em que os recursos naturais seriam poupados ao máximo. Ciência e tecnologia como molas propulsoras do desenvolvimento regional e como condição, também, para elevar a condição de vida da população amazônica, a serviço da boa prática política e do aprimoramento das políticas públicas.



Essas ideias, aqui muito resumidas e muito simplificadas, fundamentam a estratégia de desenvolvimento que Bertha Becker formulou para a Amazônia, encontrando sua expressão maior nas proposições concretas contidas no Macrozoneamento Ecológico-Econômico da Amazônia Legal. Ele é um instrumento de planejamento da diversidade, portanto, tem o seu lado técnico, mas ele é principalmente um instrumento político e de negociação.

Acho que é suficiente dizer que a finalidade última do Macrozoneamento é a de otimizar o uso do território e as políticas públicas, com as indicações que oferece para a racionalidade do uso dos recursos naturais, para a regulação do uso

do solo e de gestão do território. Mas é importante ressaltar a dimensão geopolítica desse documento, em que ganha relevância particular o conceito de território e o de territorialidade, que são relacionados a perspectivas do desenvolvimento de um poder local. O território respondendo ao resultado de uma prática espacial em que se manifesta uma incidência de poder sobre uma porção precisa e delimitada do espaço. Mas ele também é um produto usado, já que é um meio para a realização dessa prática. A territorialidade humana representa, segundo Bertha, a face vivida do poder, ou seja, a consciência política territorial, que envolve a capacidade de resistir a apropriações do espaço e também a capacidade de exercer um controle sobre o estoque cultural de base territorial.

Bertha reclamava o olhar novo sobre a Amazônia e a necessidade de uma estratégia de desenvolvimento que desse conta das especificidades da região.

O território, então, passa a ser um protagonista. Não mais um objeto simplesmente institucionalizado por comandos de cima para baixo ou de fora para dentro. Ele não é só um território-zona, mas é também um território-rede, sujeito a diversos tipos de redes e de fluxos. Então, a imensa extensão de floresta densa e muito pouco povoada que Bertha, com toda emoção, designou de coração da floresta, não foi definida como mesorregião, nem como um conjunto de microrregiões. Ela foi definida como uma vasta territorialidade, como um vasto território riquíssimo em biodiversidade, que deve ser preservado para a pesquisa científica e para uma produção florestal sustentável.

Idealista, com o pensamento permeado de razão e emoção, Bertha alimentava muitos sonhos e projetos para a Amazônia. Ela queria vê-la uma região desenvolvida, mais integrada ao território nacional e mais integrada internamente. Desejava uma Amazônia coberta por redes políticas territorializadas, conectadas, solidarizando poderes locais e canalizando reivindicações de vozes que são pouco ouvidas na cena política. São vozes que podem ter impacto muito positivo na introdução de mudanças institucionais que se fazem necessárias ao próximo desenvolvimento da região.

Bertha defendia a floresta em pé, mas agregada de valor. A floresta deve gerar riqueza, e deste modo blindar as atividades predatórias, sem precisar ser derrubada, por isso ela se colocava contra esses projetos que pregam apenas a preservação, unicamente com recompensa financeira aos que não desmatam a floresta, o que não é necessariamente uma garantia. Ela queria uma Amazônia plena de cadeias produtivas, com indústrias de fármacos e de cosméticos, com indústria do açaí e do guaraná, e com indústria de ponta. Ela queria a disseminação de institutos de pesquisa e de laboratórios científicos por toda a Amazônia.



Bertha ainda alimentava o sonho de ver Manaus como cidade mundial, dotada de uma bolsa de valores de serviços ambientais e de um portal tecnológico. Queria ver Belém como centro de indústria criativa, por que não como sede de uma indústria de cinema, a exemplo da Bollywood da Índia. O Macrozoneamento Ecológico da Amazônia Legal foi aprovado pelo Congresso Nacional e admitido como política territorial da Amazônia. Bertha não considerava um produto acabado, porque ele deve ser continuamente atualizado e renovado.

O discurso de Bertha Becker para a universidade sempre sublinhou seu papel necessário como centro de produção de conhecimento, de desenvolvimento de projetos e de reflexão crítica. Ela foi uma grande estudiosa de teorias e de conceitos. Alguns conceitos consagrados, ela os utilizou bastante na sua vida acadêmica, como, por exemplo, o de geopolítica de Ratzel, como o de centro-periferia, mais recentemente como o de trabalho novo na urbanização, de Jane Jacobs, e assim por diante. Mas eu acho que Bertha foi antropofágica no consumo do conceito. Ela frequentemente os desconstruía para depois reconstruí-los e adequá-los melhor à realidade em estudo. Bertha pregava principalmente uma universidade criadora de pensamento novo, de pensamento sempre em movimento, capacitada, assim, a contribuir para aproximações sucessivas do real.

No judaísmo, a vida, o poder da vida, ocupa um lugar único na tradição cultural religiosa. Fala-se em um Livro da Vida, em que a inscrição da pessoa que partiu é considera a benção máxima, porque deve passar pelo crivo e pela aprovação de Deus. Mas fala-se também na Corrente Eterna da Vida, em que a inscrição da pessoa é assegurada pela memória preservada por gerações e gerações. No legado de uma obra brilhante e apaixonada, da memória cultivada pelo amor de sua família, pela amizade dos que com ela privaram, pela admiração dos muitos que com ela aprenderam, Bertha Becker vai viver. Ela vai permanecer viva.

* * *

BCG: http://agbcampinas.com.br/bcg